Caderno 4 Campos ISSN: 2595-184X

# Soprando palavras: notas e impressões acerca das memórias de Koko Tavi

Spreading words: notes and impressions about the memoirs of Koko Tavi

Ramiro Esdras Carneiro Batista[1]
Campus Binacional do Oiapoque-UNIFAP
esdras@unifap.com – https://orcid.org/0000-0003-2050-7362

Daniel da Silva Miranda[2]
PPHIST-IFCH-UFPA
daniel.miranda@ifch.ufpa.br – https://orcid.org/0000-0001-6172-5847

DOI 10.5281/zenodo.13703027

## Resumo

O presente artigo trata das nuances do processo de transcrição das memórias de Koko Tavi (Manoel Firmino), liderança indígena Galibi Marworno do alto rio Uaçá, Oiapoque, Amapá, Brasil. O memorialista indígena legou ao presente um acervo material de escritos, fotos e gravuras que permanecem sob a salvaguarda da família do falecido. Desde o ano de 2020, com o acesso consentido por Gildo Firmino Nunes, neto de Tavi, temos realizado um cuidadoso processo de transcrição de dois cadernos do sobredito acervo, sob os auspícios institucionais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) através do Projeto "Diários Índios: escrutínio, salvaguarda e publicação de memórias e manuscritos indígenas na região do Baixo Oiapoque", esta ação congrega pesquisadores indígenas e não indígenas em um esforço para garantir que as palavras de Koko Tavi sejam difundidas para outros lugares, questionando perspectivas históricas consolidadas e exemplificando um processo inventivo de apropriação da língua hegemônica – no caso, o português brasileiro imposto pelos agentes indigenistas – e sua mediação para a concretização de um processo de representação autóctone. Desse modo, o presente artigo comunica as ações de projeto de salvaguarda dos manuscritos, trazendo à lume algumas das opções utilizadas durante o processo de transcrição.

**Palavras-chave**: Transcrição; Povo Galibi Marworno; Memória e História Indígena;

[1] Graduado em Pedagogia (CEIVA) e História (UNIMES). Mestre e Doutor em Antropologia com ênfase em Antropologia Social (UFPA).

[2] Graduado em História (UNAMA), Mestre em Antropologia (UFPA) e Doutorando em História Social da Amazônia (UFPA).

**Abstract**

This article deals with the nuances of the process of transcribing the memoirs of Koko Tavi (Manoel Firmino), a Galibi Marworno indigenous leader from the upper Uaçá River, Oiapoque, Amapá, Brazil. The indigenous memorialist bequeathed to the present a material collection of writings, photos and prints that remain under the safeguard of the deceased's family. Since 2020, with access granted by Gildo Firmino Nunes, Tavi's grandson, we have been carefully transcribing two notebooks from the aforementioned collection, under the institutional auspices of the Federal University of Amapá (UNIFAP), through the project "Diários Índios: scrutiny, safeguarding and publication of indigenous memories and manuscripts in the Lower Oiapoque region", this action brings together indigenous and non-indigenous researchers in an effort to ensure that Koko Tavi's words are disseminated elsewhere, questioning consolidated historical perspectives and exemplifying an inventive process of appropriation of the hegemonic language - in this case, Brazilian Portuguese imposed by indigenous agents - and its mediation for the realization of a process of autochthonous representation. In this way, this article communicates the actions of the project to safeguard the manuscripts, bringing to light some of the options used during the transcription process.

**Keywords:** Transcription; Galibi Marworno People; Indigenous Memory and History.

## 1. PRIMEIROS SOPROS[3]

> Escutar os mortos com os olhos. Várias sombras passaram nas minhas palavras, lembrando por essa presença a tristeza que nos dá sua ausência.
> (Chartier, 2010: 29)

Caríssimas leitoras e caríssimos leitores, o presente artigo é, antes de tudo, um compromisso, um convite à divulgação e partilha do conhecimento encontrado entre as folhas soltas e os arquivos pessoais produzidos por um escritor indígena chamado *Koko Tavi,* notória liderança indígena do alto rio Uaçá, no norte do Amapá. Homem cuja vida, produção mnemônica e literária se relacionaram com diferentes eventos do século XX. No presente, quando estas letras se espraiam pelo desenho plano destas páginas, *Koko Tavi* já não mais divide conosco os raios do sol, como um dia o fizera. *Tavi* é agora parte das maretas, os "dentes d'água" do rio Uaçá. Gostamos de pensar que ele repousa nos ventos e ecoa nos cantos dos pássaros de seu território ancestral.

[3] O *Potá*, que em uma tradução precária da língua *Galibi Marworno* pode ser entendida como "sopro", diz respeito a antigas práticas medicinais dos povos *uaçauára*, que consistiam em ritos de soprar palavras e infusões sobre pessoas fisicamente adoecidas e/ou vítimas de um ataque xamânico. Extrapolando o uso em humanos, sabe-se que a prática também era operada pelos pajés e seus auxiliares sobre animais e plantas com quem se desejava celebrar alguma modalidade de aliança. Aqui, lançamos mão da metáfora para nos referirmos à dimensão terapêutica do sopro de palavras de *Koko Tavi* que, inferimos, ao permitir o rompimento com o silenciamento da memória indígena pode consolidar-se como um sopro de ideias reparadoras e decolonizantes.

Desse modo, cumpre dizer que o encontro com os manuscritos do *muchê* [4] *Koko Tavi* emociona, inspira e faz com que os brancos lusófonos busquem meios para traduzir esse encontro. E assim, os nossos referenciais revelam a sua face cartesiana e caminham em direção ao que nos é conhecido, tangível e inspiram a pensar na prática de análise textual que foi proposta por Roger Chartier, ilustrada em expressão emprestada de Francisco de Quevedo (1995), como o exercício de "escutar os mortos com os olhos" (Chartier, 2010: 29) e por nós entendida como a responsabilidade sensível de lidar com o legado escrito por aqueles que não mais se encontram entre os vivos. Em que pese o contraste existente entre a realidade literária que foi interesse desse historiador e a qual aqui nos dedicamos, com base em dois pontos significativos apresentados por ele, a refletir neste momento.

No primeiro ponto, esclarecemos que a proposta de Chartier nos insta a refletir acerca das diferentes nuances que envolvem a autoridade sobre a cultura escrita[5], propiciando-nos o preciso destaque ao que representa o processo de apropriação da cultura de códigos gráficos lusófonos – a chamada cultura letrada brasileira – empreendida por uma pessoa indígena que, em tal condição, esteve historicamente coagida a ocupar posições e funções sociais que a marginalizaram ou que não proporcionaram uma relação simétrica para as suas próprias formas de comunicação.

Por tais fins, podemos inferir que a tomada dos códigos gráficos lusófonos feita por *Koko Tavi*, surge como uma tática de resistência, um brado escrito que, a partir do processo de transcrição e organização posto em curso por pesquisadores indígenas e não indígenas irá, com a sua publicação, dispor de um potencial para promover uma certa subversão no meio letrado. Entenda-se que esta subversão não é instantânea, não está pronta, não é óbvia ou está acabada, mas é uma subversão a ser conquistada conforme os escritos, relatos e experiências ingressem em espaços outrora inacessíveis.

Isso nos conduz ao segundo ponto inspirativo, surgido diante do encontro com os saberes e narrativas do Senhor *Tavi* e a exigência de aplicar-lhe um olhar atento para a experiência registrada em seus manuscritos, identificando aspectos sincrônicos particulares de sua elaboração, na busca por garantir o ressoar de sons e afinidades com experiências outras, com a intenção de propiciar reflexões diacrônicas a partir de seu relato, o que é, para Chartier, "escutar com os olhos".

Se é fato que não há como tratar o achado das memórias de *Koko Tavi* apartado de seu caráter peculiar, todavia, faz-se necessário ressaltar que tais representações escritas na língua do colonizador não se constituem inéditas na América indígena e, na verdade, o acervo produzido por *Tavi* em vida se soma a um conjunto literário importante, pois, como

[4] Termo regional emprestado do *Kheuól* (língua afro-indígena do Baixo Oiapoque), que significa literalmente "senhor", guardando, da perspectiva indígena, o sentido de uma etiqueta de tratamento digna e respeitosa. Da perspectiva de parte da população não indígena no município de Oiapoque, (muchê para homens e muchêzinha para mulheres), trata-se de designações racistas e pejorativas, apontadas para referir pessoas indígenas de diferentes povos.

[5] Diz o estudioso sobre a necessidade de "[...] estudar como historiador os enfrentamentos entre o poder estabelecido pelos poderosos sobre a escrita e o poder que sua aquisição confere aos mais fracos [...]" (Chartier, 2010: 23)

argumenta Eduardo Santos (2007), muitas pessoas, sobretudo aquelas que descendem das lideranças e elites indígenas, historicamente "[u]tilizaram a escrita alfabética de maneira relativamente autônoma [das] instituições [coloniais] para produzir textos próprios ou para transcrever antigos relatos e registros nativos" (Santos, 2007:02). A esse respeito, nossa busca por experiências afins guiou-nos à obra de Mary Louise Pratt, "Os Olhos do Império" (1999), que apresenta, entre outros assuntos, o modelo explicativo das zonas de contato, apresentando-o como espaços sociais simbólicos marcados pelo confronto, atrito e embate entre as culturas, sobretudo aquelas marcadas pelo descompasso abissal nas relações de poder, como no caso da carta de Guaman Poma de Ayala (Pratt, 1999: 27).

Porém, a potência dialógica encontrada nos escritos de Mary Louise Pratt, não se encerra apenas na possibilidade de dar nome ao evento situacional que faz aflorar as diferenças, mas alcança também a observação de ações subversivas empreendidas por sujeitos em condição de desvantagem em meio a tais relações, ao que a autora compreende como um produto artístico, artes criadas na e pela zona de contato, produções construídas nesse contexto e elaboradas pela subversão de produtos da cultura dominante em favor da causa subalternizada, construídas pela apropriação seletiva e adaptativa das peças do repertório representacional hegemônico como ferramenta de combate pelas vias representacionais (Pratt, 1999: 36).

Isto posto, pontuamos que as letras escritas pelo autor *Marworno* são por nós consideradas como artes produzidas em zona de contato, como fontes históricas-mnemônicas nativas ou, em outros termos, como a perspectiva efetivamente indígena (Beltrão; Lopes, 2017), no imaginar, no mediar e traduzir para a nossa cultura e transpor ao papel outras histórias, ou histórias-outras. Vale dizer também que dentre o consolidado de documentos pessoais, recibos, fotos e papéis soltos que chegaram a nossas mãos por meio da família do autor, em plena pandemia do SARS-CoV-2, constavam os dois cadernos manuscritos que *Koko Tavi* denominou a "História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá: no passado de ontem – no presente de hoje" que, acreditamos, após transcrição, consolida-se como o legado desse homem-memória pronto a alcançar novos lugares e diferentes possibilidades de leitura.

A obra reúne apenas uma porção do conjunto de fontes e saberes de *Koko Tavi*. Intuímos que há muito a ser conhecido, quando permitido e consentido por seus familiares. Pelo o que depreendemos das conversas junto ao familiares do falecido escritor/memorialista, o restante do conjunto documental é formado por arquivos cuidadosamente (re)construídos na última fase de vida do *muchê Tavi*, (Manoel Firmino), atitude necessária pois grande parte de seu patrimônio e arquivos pessoais foram perdidos em um incêndio doloso, provocado em sua antiga casa, na aldeia *Kumarumã* (Terra Indígena *Uaçá*), em um evento que resultou de uma suposta troca de agressões xamânicas, das quais o nosso autor foi acusado como o causador.

No que diz respeito a tais cadernos manuscritos, estes denotam um ensaio histórico realizado por um indígena e que parece convidar a História, enquanto

epistemologia referendada pela cultura letrada ocidental para o escrutínio do passado, a curvar-se ante "[a]s exigências da memória, necessárias para curar as infinitas feridas (...) ao mesmo tempo, [em que] reafirma [sua] especificidade [como] regime de conhecimento" (Chartier, 2010: 11). Ainda sob nossa perspectiva, o texto de a "História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá" deve ser notado como uma obra compilada ao longo de uma vida e que busca preencher uma infinidade de eventos ocorridos no breve século XX que, igualmente, pode remeter à tensão existente entre a História Indígena proposta nos próprios termos (Beltrão; Lopes 2017) e a História do Indigenismo, como referendada pela literatura antropológica (Pacheco De Oliveira, 2016) e abordada ao longo da tese "De Colonialismos e Memórias Sitiadas: história, antropofagia e tecnologia bélica nas guerras guianenses" (Batista, 2022).

Tornando a falar sobre o trato documental, ele demonstrou que os registros originais acompanharam a trajetória de seu autor, experimentando mudanças de estilo e grafia, o que nos parece falar também sobre o nível de intimidade do escritor com a língua portuguesa, na mesma medida em que alguns cacoetes e vocábulos[6] que se repetem, denunciam uma construção textual de alguém familiarizado com os registros e relatórios tão próprios aos servidores do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI) da época. Eis aí, novamente, a face de uma arte em zona de contato, ressaltando um complexo e ambíguo diálogo mediado entre as culturas indígenas e indigenistas.

E eis que entre tais achados documentais emerge um registro autobiográfico do Senhor *Tavi*, que abriga algum sentido para a cisão entre ele e seu povo, desenrolado em um episódio ocorrido na comunidade de *Kumarumã* (Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, Brasil), quando aquele lugar esteve envolvido em uma modalidade de distúrbio comportamental de fundo psíquico, experimentada especificamente por seus jovens, assim, importa saber como os saberes indígenas interpretam essa anomalia, descrita pelo autor como um tipo de "doença dos nervos"[7]. A menção sobre a dita patologia é importante para a compreensão do manuscrito indígena. Isso porque, em vida, *Koko Tavi* acabou sendo culpado pelo fenômeno que acometia as pessoas jovens entre o seu povo, visto ser ele um reconhecido curador que não pôde lidar com a anomalia. Aparentemente, isso o teria exposto ao descrédito e ao degredo na cidade dos brancos *parnãn* e, no limite, criado as condições para a empreitada de produção do manuscrito.

E assim nasceu o conteúdo do manuscrito intitulado por *Koko Tavi* como a *História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá,* obra compilada ao longo de uma vida que perpassa toda a segunda metade do breve século XX.[8] O texto originário remete a diferentes categorias de

[6] Por cacoetes e linguagem própria ao indigenismo militarizado nos referimos a termos como "população", frequentemente repetido nos manuscritos de *Koko Tavi*, além de seu hábito em marcar seus arquivos com carimbo e CPF próprio.
[7] Terminologia usada no presente para referir o fenômeno ou "doença" que se manifesta ciclicamente em jovens na região do Uaçá, conforme ouvi de diferentes pessoas pertencentes aos povos *Galibi Marworno* e *Karipuna*.
[8] Segundo os registros notariais da margem brasileira, o Senhor *Koko Tavi* (Manoel Firmino) nasceu em 01 de junho de 1953 e faleceu em 23 de junho de 2016, aos 63 anos de idade, na cidade de Oiapoque/AP/Brasil.

tensão entre colonizadores e colonizados, cujo eixo ameríndio parte da premissa de que o estado de guerra e desequilíbrio que vivenciamos na vida cotidiana, encontra seu lastro e explicação no desequilíbrio e beligerância manifesta no mundo espiritual (Batista 2020), entendimento que aproxima distintas cosmologias de coletivos Caribe e Aruaque, territorializados na região do Cabo Orange – povos que constituem parte do mosaico multiétnico daquela fronteira guianense.

Tomados em sua completude, nos parece que os textos apontam para a aquisição da lectoescrita como uma faculdade que confere aos povos subalternizados a possibilidade de retomar e/ou recontar sua própria história, além de conferir-lhes o poder de descrever o outro a partir de um suporte de saber particular. A ambivalência desse processo é demasiada interessante para a reflexão antropológica, pois permite um vislumbre de como pessoas etnicamente diferenciadas desmontam, crioulizam e ressignificam as ferramentas do colonialismo, acionando-as em proveito da própria reafirmação étnica. Um olhar cuidadoso sobre os manuscritos permite-nos, ainda, perceber a dinâmica em curso de uma memória indígena, em princípio sem representação escrita, e o paciente trabalho de um homem-memória guianense que transforma a si mesmo em livro, a fim de resguardar sua história e a História de seu povo.

Para a região do Baixo rio Oiapoque, fronteira franco-brasileira no presente, permitimo-nos a generalização de que as identidades de homens e mulheres *uaçauáras*[9] são complexas e multifacetadas, completamente adaptadas a condição multiétnica e transfronteiriça das/nas suas territorialidades. É por isso que se engana quem supõe a inadequação dos sistemas sociológicos indígenas em lidar com os colonialismos advindos de diferentes nações e agências. E a história pessoal do *muchê Tavi* é exemplar nesse aspecto, pois demonstra em sua prática como pessoas indígenas, desde sempre habituadas à convivência em fronteiras físicas e epistêmicas, zonas de contato difusas e instáveis, elaboram soluções próprias de movimentar-se na história, acionando diferentes identidades e engendrando criativas formas de resistência.

Passado o nosso primeiro impacto com a densidade e a durabilidade dos manuscritos, reunimos pesquisadores e pesquisadoras dispostos à empreitada de tornar acessível a história e a memória do sábio indígena. Desde o início, assaltaram-nos as dúvidas sobre qual seria o formato ideal para a publicação e, sabendo que livros e impressos são, antes que o produto de um autor, o resultado de uma multiplicidade de operações, decisões e interferências técnicas e ideológicas, nossa decisão primeira foi a de interferir o mínimo possível no texto, admitindo-se, porém, que a interferência é inerente ao processo de transcrição e publicação.

Atentos à crítica de Chartier (2010), de que não são "anjos" os que produzem os livros, gastamos anos negociando o "como fazer", questionando quais opções poderiam

[9] Palavra correspondente ao gentílico para os habitantes do Território Indígena Uaçá/Amapá/Brasil. Tomada do *nheengatu*, a palavra pode ser traduzida como "os originários, os nascidos no Uaçá."

ser classificadas como procedimento mais acertado, tendo em vista a integridade da memória do autor e as etiquetas internas do povo *Galibi Marworno*. Nesse caminho, enfrentamos dúvidas sobre os procedimentos quanto à supressão e/ou complementação de frases[10] e palavras cujo sentido não se podia alcançar, quer pelo estilo gráfico, quer pelo desgaste e as intempéries que se encarregaram de engolir palavras e fragmentos do texto, mas não nos furtamos de auxiliar o leitor e indicar através de colchetes a inserção e/ou complementação de termos.

Diante do apresentado, concluímos que essas decisões foram partilhadas pelas mentes, mãos e esforços de investigadores indígenas e não indígenas. Pessoas que utilizaram a internet para trocar correspondências e mergulhar juntas no sonho de transcrever as narrativas escritas pelo Senhor *Tavi*, pretendendo garantir condições para amplificar estas perspectivas-outras do tido e do vivido, promovendo a luta contra uma história única. Neste instante, a reunião dos textos transcritos encontra-se no prelo. A previsão de publicação é para o segundo semestre de 2024, sob o título provável "Eu, Koko Tavi: Histórias Dos Galibi Marworno Do Rio Uaçá", material organizado por Ramiro Esdras Carneiro Batista, Gildo Firmino Nunes e Daniel da Silva Miranda.

Que soprem as palavras de *Koko Tavi*.

**Imagem 01** - Foto do memorialista Koko Tavi, em idade ignorada.

Fonte: acervo da família

[10] O que estamos considerando como interferências mínimas trata da correção de informações desconexas entre o texto e seu sumário, além da inserção entre colchetes [ ] de palavras e sufixos obliterados pelo tempo, quando estes tornam-se indispensáveis para a compreensão da mensagem. Além disso, recorremos à inserção de palavras inteiras, quando no original a palavra estava parcialmente grafada.

## REFERÊNCIAS

Batista, R. E. C. 2022. *De Colonialismos e Memórias Sitiadas*: história, antropofagia e tecnologia bélica nas guerras guianenses. 200 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Beltrão, J. F. Lopes, R. C. dos S. 2017. Alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos. In Beltrão, J. F.; Lacerda, P. M. (Orgs.). *Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades.* Rio de Janeiro: Mórula. 16-24.

Chartier, R. 2010. Escutar os mortos com os olhos. *Revista Estudos Avançados* 24, (69):6-30.
Pacheco De Oliveira, J. 2016. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: "pacificação", regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contracapa.

Pratt, M. L. 1999. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC.
Quevedo, F. 1995. "Soneto desde la torre de Juan Abad" *Poesía completa*. Madrid: Fundación José Antonio de Castro.

Santos, E. N. 2007. Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes. Conjuntos e problemas de entendimento e interpretação. *XXIV Simpósio Nacional de História–História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/246846/35793> Acesso em 12, jan. 2021.
Tavi, K. [Manoel Firmino] (Galibi Marworno). Manuscrito não datado. *História dos Galibi Marworno do Rio Uaçá*: no passado de ontem – no presente de hoje. Oiapoque-AP: Brochura não publicada.

## Agradecimentos

Agradecemos aos familiares de Koko Tavi pela partilha generosa dos saberes e das memórias do muchê.

Data de envio (Recebido) 06 de maio de 2024

Aceito em 20 de junho de 2024